

## ESTUDO SEMIÓTICO SOBRE O REMORSO

Dayane Celestino de Almeida  
Mestre em Linguística – Universidade de São Paulo (USP)  
(dayalmeida@yahoo.com.br)<sup>1</sup>

**RESUMO:** Os primeiros anos dos estudos semióticos da chamada Escola de Paris foram dedicados aos estudos da ação humana e do “fazer”, dos chamados “estados de coisas”, havendo uma lacuna a preencher no que dizia respeito ao sensível, ao “ser” do sujeito e ao que viria a ser chamado de “estados de alma”, fator decisivo no estudo de diversos textos e discursos. No domínio semiótico, os estudos da paixão ganharam força a partir de 1983, com a publicação do livro *Du Sens II*, de A.J. Greimas, que trazia o estudo pioneiro “De la modalisation de l’être”. Em 1991, houve a publicação de *Semiótica das Paixões*, de J. Fontanille e A.J. Greimas. Desde então, estudos sobre paixões específicas – por exemplo, a cólera, o ciúme, o medo, a vergonha, o ressentimento, etc. – têm sido feitos. Procurando dar continuidade aos estudos das paixões, este trabalho apresenta um estudo semiótico da paixão do remorso, no que diz respeito aos seus aspectos temporais, juntivos, tensivos, modais e aspectuais. Num segundo momento, o trabalho apresenta uma breve análise do poema “V” – integrante da série “Bonbonnière” (*Trovar Claro*, 1997), do poeta brasileiro contemporâneo Paulo Henriques Britto – que tem como tema principal a relação entre memória e remorso.

**Palavras-chave:** Semiótica; Paixões; Remorso; Literatura Brasileira.

**ABSTRACT:** The first years of the semiotic studies of the so-called School of Paris were dedicated to the studies of the human action and of the “doing” of the so-called “states of things”. There was a gap to fill in what concerned to the sensitive, which is a decisive factor in the study of various texts and discourses. In the field of semiotic, studies of the passion gained momentum from 1983 with the publication of the book “Du Sens II”, by AJ Greimas, who had the pioneering study “De la modalisation de l’être”. In 1991, another important book by J. Fontanille and A.J. Greimas was published: *Semiotic of the passions*. A great deal of semiotic studies on specific passions, such as anger, jealousy, fear, shame, resentment, among others, have been made ever since. Firstly, this paper intends to present a semiotic study on the passion of the remorse, considering a certain number of aspects related to it. Secondly, it aims to present a short analysis of the poem “V”, in the series “Bonbonnière” (*Trovar Claro*, 1997), by the contemporary Brazilian poet Paulo Henriques Britto, focusing on the relation between the remorse and the memory.

**Keywords:** Semiotics. Passions. Remorse. Brazilian Literature.

Os primeiros anos dos estudos semióticos, na década de 1960, foram dedicados aos estudos da ação humana e do “fazer”, dos chamados “estados de coisas”. Nessa primeira fase, a teoria semiótica está centrada principalmente nos estudos do nível narrativo, havendo uma lacuna a preencher no que dizia respeito

<sup>1</sup> Este trabalho foi desenvolvido com o apoio do CNPq.

ao sensível, ao “ser” do sujeito e ao que viria a ser chamado de “estados de alma”, fator decisivo no estudo de diversos textos e discursos.

Uma segunda fase da semiótica, já em finais dos anos 1970 e início da década de 1980, foi marcada pelos estudos das modalidades, cujo foco estava na modalização e não tanto na ação. Procurava-se responder à seguinte pergunta: por que o sujeito age? Em tal fase, ganham força os estudos sobre competência modal e tipologia dos sujeitos agentes. As “obras-chave” dessa etapa são: *Pour une théorie des modalités* (GREIMAS, 1976) e Dicionário de Semiótica (GREIMAS; COURTÉS, 1979).

Os estudos da paixão ganharam força a partir de 1983, com a publicação do livro *Du Sens II*, que trazia o estudo pioneiro “De la modalisation de l'être”. Dessa data até 1991 (quanto houve a publicação de Semiótica das Paixões, de J. Fontanille e A.J. Greimas) houve um crescente interesse em se verificar o que ocorre com o sujeito que sente e não apenas com o sujeito que faz. Em Semiótica das Paixões, Fontanille e Greimas estabelecem que

As paixões concernem, na organização do conjunto da teoria, ao ‘ser’ do sujeito e não a seu ‘fazer’, o que não significa, é claro, que as paixões não tenham nada que ver com o fazer e o sujeito do fazer, nem que seja porque também este último comporta um ‘ser’ que é a sua competência. O sujeito afetado pela paixão será, portanto, sempre, em última análise, sujeito modalizado segundo o ‘ser’, isto é, sujeito considerado como sujeito de estado, ainda que, por outro lado, ele seja responsável por um fazer (...) (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p.50).

A princípio, a Semiótica vê as paixões como efeitos de sentido resultantes das combinações, dos arranjos entre as modalidades (querer, dever, poder, saber) que incidem sobre o “ser”. Entretanto, paulatinamente se nota que

Além de ser uma expressão de um arranjo modal, as paixões definem-se pelo tipo de objeto da conjunção ou disjunção (por exemplo, a curiosidade tem um objeto cognitivo, enquanto a avareza tem um objeto tesorizável) ou pela presença e ausência de objeto (por exemplo, a melancolia é uma paixão que não tem causa, enquanto a tristeza tem um objeto bem determinado). As paixões também se distinguem por uma temporalidade (o arrependimento, o remorso e o lamento estão voltados para o passado, enquanto a esperança, a preocupação e o temor estão dirigidos para o futuro e o desdém, a veneração, a estima e o desprezo apontam para o

presente), uma aspectualização (a ira é pontual, o ódio é durativo) e uma modulação tensiva (a diferença entre a alegria e a exultação é de intensidade; também o são as distinções entre temor e desespero, medo e pavor; algumas paixões, como o ressentimento, são extensas, enquanto outras, como o horror, são intensas) (FIORIN, 2007, p. 6).

Desde a publicação dos textos pioneiros, muitos estudos sobre paixões específicas – por exemplo, a cólera, o ciúme, o medo, a vergonha, o ressentimento, entre outras – têm sido feitos. Assim, procurando dar continuidade aos estudos das paixões, este trabalho tem por objetivo apresentar um estudo semiótico da paixão do remorso, no que diz respeito aos seus aspectos temporais, juntivos, tensivos, modais e aspectuais, tendo como base a análise de um poema em que essa paixão aparece.

Antes de iniciar o nosso estudo propriamente dito, faz-se necessária uma consulta a alguns dicionários a fim de verificar o que eles definem como remorso. A definição apresentada pelo dicionário *Houaiss* é a seguinte: “inquietação, abatimento da consciência que percebe ter cometido uma falta, um erro; arrependimento, remordimento”. Este mesmo dicionário traz como etimologia: “lat. *remorsus*, a, um, part. pas. de *remordere* 'tomar a morder'”. Já o dicionário *Aurélio* diz que remorso é “arrependimento por culpa ou crime cometido”. Por fim, o *Petit Robert* diz que remorso é “um sentimento doloroso, acompanhado de vergonha e que trás a consciência de ter agido mal”.

Verificamos, portanto, que, nas definições encontradas nos dicionários, o remorso incide sempre sobre o passado, sobre uma ação ocorrida no passado. Para ter remorso, o sujeito precisa “ter lembrança” do fato passado. Então, quanto à temporalidade, o remorso vai sempre incidir sobre algo que já ocorreu. A paixão do remorso resulta de um fazer do próprio sujeito (GREIMAS; FONTANILLE, 1993, p. 50).

Em termos de junção, o sujeito do remorso está em uma posição de não-conjunção com o objeto (o fato passado), visto que já esteve em conjunção anteriormente e ainda não chegou à disjunção, pois ainda mantém o fato continuamente na memória.

No que concerne à questão da aspectualidade, se pensarmos no sujeito do remorso como um observador que analisa o fato passado como um processo

terminado, podemos dizer que, em termos de aspectualização, o remorso é um estado passional perfectivo, ou seja, incide sobre uma ação acabada. Por outro lado, se considerarmos o próprio “sentir remorso” como processo, podemos dizer que o remorso é durativo, uma vez que não basta que o fato passado venha à memória como erro, mas é necessário que aí permaneça recorrentemente, como informa a própria etimologia da palavra: *remordére* 'tornar a morder'.

Podemos falar em um percurso passional que começaria na lembrança e iria até o remorso, da seguinte forma:

Lembrança do fato passado >> percepção de que foi um erro >>  
sentimento de culpa / arrependimento >> remorso.

**Figura 1** – Percurso passional do remorso

O remorso não seria, portanto, um sinônimo de arrependimento como dizem os dicionários Houaiss e Aurélio, mas sim um prolongamento aspectual deste, sendo o arrependimento pontual e o remorso, como já dissemos, durativo. Um sujeito pode sentir culpa e arrepende-se, mas o que vai determinar se sente ou não remorso é a recorrência, a reiteração, o “remordimento” do fato que percebeu como errado.

Como já vimos, o sujeito do remorso percebe a ação cometida como um erro e isso o atormenta, porque ele sabe que não pode mudar o que já ocorreu. Seu objeto de desejo seria, então, “voltar o tempo”, tentar mudar as ações, mas ele sabe que isso é impossível. Em termos modais temos, portanto, um sujeito que quer-estar em conjunção com um objeto, mas sabe-não-poder estar em conjunção com este objeto.

Considerando o esquema narrativo canônico proposto pela semiótica greimasiana (manipulação – ação – sanção), situamos o remorso na fase da sanção. O sujeito do remorso é o seu próprio destinador-julgador que sanciona negativamente a ação cometida no passado – Greimas e Fontanille (1993, p. 150) falam em um actante “avaliador”. Segundo Bertrand (2003, p. 372), a moralização seria mais um traço que entra na definição semiótica da paixão. O remorso não poderia configurar-se sem uma avaliação negativa do que se passou, a qual só é possível dentro de um determinado quadro axiológico, o que nos faz entender o

remorso como uma paixão moralizante e este aspecto vai ao encontro da definição do *Petit Robert* quando o remorso é associado à vergonha.

Bertrand (2007) afirma, ainda, que o remorso seria, como algumas outras paixões, o que podemos chamar de uma “emoção ética” (BERTRAND, 2007, p. 1, tradução nossa<sup>2</sup>):

Os sentimentos de revolta ou impotência, de compaixão ou de desprezo, de admiração ou de repulsa, o remorso, a vergonha, o arrependimento, a indignação diante do escândalo, etc. Aí estão algumas palavras pelas quais se expressa o movimento de uma emoção ética.

Veremos agora como aparece a paixão do remorso em um poema de Paulo Henriques Britto. Poeta, prosador, tradutor e professor de literatura, Britto faz parte da chamada “literatura brasileira contemporânea”. O poema que aqui examinaremos é o poema “V”, da série “Bonbonnière”, publicada no livro Trovar Claro, de 1997. O texto tem como tema principal a relação entre memória e remorso. Assim, pretendemos analisar como se constitui o remorso no poema e qual a sua relação com a memória, procurando destacar, ainda, que recursos do plano da expressão ajudam a ressaltar o estado passional do sujeito.

Vejamos a transcrição do poema:

#### V

1. Remorso manso, sem dentes,
2. do já vivido e apagado.
  
3. Aquele instante, aquele quarto
4. de hora, aquele desejo indecifrável,
5. decifrado, é claro, quando já não mais nada.
  
6. As mãos esperam, mudas.
7. E o telefone, gordo como um rei.
8. A vida não quis esperar.
  
9. Memória,
10. mãe amorosa de todas as mortes.

---

<sup>2</sup> Texto original: *Les sentiments de révolte ou d'impuissance, de compassion ou de mépris, d'admiration ou de dégoût, celui du remords jusqu'à la honte et la repentance, ou celui de l'indignation devant le scandale, etc., voilà quelques termes par lesquels s'exprime spontanément le mouvement d'une émotion éthique.*

Gostaríamos de ressaltar que não vamos, nesta ocasião, estudar todo o poema, mas apenas os trechos que têm relação com a paixão do remorso.

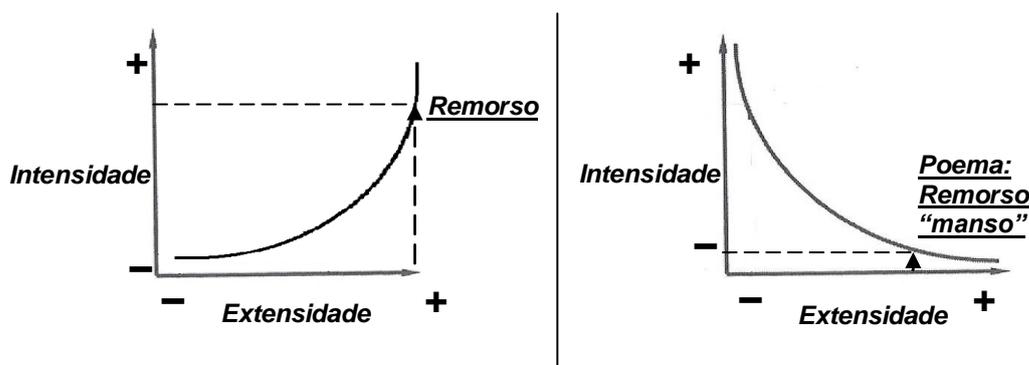
Logo nos dois primeiros versos, temos a descrição do estado do sujeito: “Remorso manso, sem dentes/do já vivido e apagado”. Então, logo de início o poema já explicita que o remorso é sobre algo passado e acabado, indo ao encontro do que dissemos anteriormente sobre o remorso ser voltado para o passado e ter uma aspectualidade perfectiva.

Recapitulando o que vimos sobre a questão modal, o sujeito do remorso quer estar em conjunção com um objeto, mas sabe-não-poder estar em conjunção com este. Para reparar essa falta o sujeito poderia seguir duas direções: a) partir para uma ação que de alguma forma atenuasse ou compensasse o erro do passado; ou b) resignar-se, conformar-se (Barros, 2003, p. 51). No caso do poema estudado, fica claro que a opção escolhida é a “b”, uma vez que o remorso é descrito como “manso” e “sem dentes”. Sendo “tornar a morder” o significado etimológico de remorso, concluímos que um remorso “sem dentes” é aquele que, de tão “fraco” (“manso”) nem chega a atormentar o suficiente para desencadear uma nova ação; não morde, ou seja, não causa mais nada, uma vez que a sua principal função (morder) não pode ser realizada. A não-ação do sujeito que só espera e não age pode ser confirmada pelo verso 6: “As mãos esperam, mudas”. principalmente pelo verbo “esperar” e pelo adjetivo “mudas”. Sendo as mãos uma parte do corpo que não fala (portanto, não pode ser “muda”), compreendemos a figura das mãos que esperam mudas como uma metonímia, uma vez que quem espera mudo é o sujeito “inteiro”. Ele não faz mais nada, só espera.

Zilberberg (2006b, p. 170) propõe que a tensividade seja a união entre a intensidade e a extensividade. O autor propõe que, enquanto a intensidade une o andamento e a tonicidade, a extensividade une a temporalidade e a espacialidade. Nestes termos, nós poderíamos situar o remorso numa área que cruzasse um “mais” (+) no eixo da extensividade (uma vez que o remorso é um sentimento prolongado e com uma certa extensão temporal, durativo) com um outro “mais” (+) no eixo da intensidade, já que é um sentimento doloroso, que causa uma inquietação, ou seja, em termos de tonia, seria um sentimento tônico, forte.

Neste poema, porém, a relação entre extensividade e intensidade é outra, uma vez que o remorso é fraco, “manso e sem dentes”. Assim, para um “mais”(+) na

extensidade, temos um “menos”(-) na intensidade. As figuras que seguem nos ajudam a visualizar estas relações:



**Figura 2** – Configuração tensiva do remorso

Passemos agora para a última estrofe do poema que é aquela que vai falar da memória que pode ser entendida como um componente do remorso, pois o sujeito só vai ter remorso se tiver o fato “vivido e apagado” na memória. Apesar de o sujeito estar em um estado de não conjunção com o fato passado, ele está em uma conjunção afetiva com ele e tal conjunção é estabelecida por meio da memória.

A última estrofe do poema é composta por apenas dois versos, sendo um a explicação do outro. Eles apresentam a definição de memória:

Memória,  
mãe amorosa de todas as mortes.

Como se dá a relação entre memória e morte? Ora, sendo a memória, a lembrança o componente essencial do remorso, podemos dizer que a memória levou ao remorso que levou à morte, ou, melhor dizendo, à mortificação do sujeito, que fica se remoendo e de tão “morto”, parado, não faz nada, fica resignado, como vimos anteriormente.

O percurso seria, então, o seguinte:

memória >> remorso >> morte

Existem, ainda, recursos do plano da expressão que nos auxiliam a relacionar a memória e o remorso à mortificação do sujeito. O primeiro deles é o fato de as palavras “remorso”, “memória” e “morte”, além da palavra “amorosa” conterem todas a sequência “mor” em seu interior, sendo, pois, “mor” o núcleo endogramático do poema (ZILBERBERG, 2006a, p. 186), como destacamos na figura a seguir:

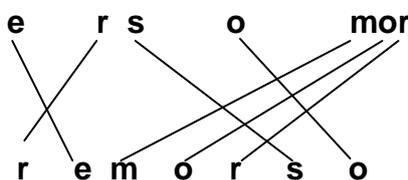
re	<b>mor</b>	so	
me	<b>mór</b>	ia	
a	<b>mor</b>	o	sa
	<b>mor</b>	tes	

**Figura 3** – “mor”: núcleo endogramático

Assim, a relação que propomos, no plano do conteúdo, entre, memória, remorso e morte é confirmada pela relação que estes termos estabelecem entre si no plano da expressão. Do mesmo modo que o remorso só existe por conta de uma reiteração do fato passado na memória, o poeta utiliza esta estratégia para marcar uma reiteração também do plano da expressão.

Outra ocorrência no plano da expressão, decisiva para sustentar a relação que propomos é a existência do anagrama (ou paragrama<sup>3</sup>) de “remorso” (primeira palavra do poema) disseminado no último verso:

“mãe amorosa de todas as **mortes**”



**Figura 4** – Anagrama de “remorso”

<sup>3</sup> Segundo Lopes (1997, p. 182), um paragrama é “um anagrama escrito em descontinuidade”.



\_\_\_\_\_. “L'émotion éthique: de J.-J. Rousseau à R. Antelme”. *Nouveaux Actes Sémiotiques*. 2007. Disponível em <<http://revues.unilim.fr/nas/document.php?id=2217>>. Acesso em 09/09/2008.

BRITTO, Paulo Henriques. **Trovar claro**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FIORIN, José Luiz. “Paixões, afetos, emoções e sentimentos”. *Cadernos de Semiótica Aplicada*, v.5, n. 2, São Paulo, 2007. Disponível em <<http://www.fclar.unesp.br/grupos/casa/artigos/V5n2/CASA-v5n2.html>>. Acesso em 03/04/2008.

FONTANILLE, Jacques; ZILBERBERG, Claude. **Tensão e significação**. São Paulo: Discurso Editorial/Humanitas, 2001.

GREIMAS, A. J. **Du Sens II: essais sémiotiques**. Paris: Seuil, 1970.

\_\_\_\_\_. ;FONTANILLE, Jacques. **Semiótica das paixões**. São Paulo: Ática, 1993.

LOPES, Edward. “Cláudio, o artesão”. In: **Metamorfoses: a poesia de Cláudio Manuel da Costa**. São Paulo: Editora UNESP, Fundação, 1997.

ZILBERBERG, Claude. **Razão e poética do sentido**. São Paulo: Edusp, 2006a.

\_\_\_\_\_. “Síntese da gramática tensiva”. **Significação - Revista Brasileira de Semiótica**, n. 25. São Paulo, Annablume, 2006b.